

boletim

**mercado &
perspectivas**

agosto 2021



**CENÁRIO
POLÍTICO
NACIONAL**

**CENÁRIO
ECONÔMICO
NACIONAL**

**CENÁRIO
INTERNACIONAL**

**PRINCIPAIS
INDICADORES
E PROJEÇÕES**

CONCLUSÃO



ECONOMIA EMPRESARIAL
E POLÍTICA

Conselho FecomercioSP

FECOMERCIOSP 



cenário político nacional

NO QUE O BRASIL “real” está pensando? Há uma desconexão entre o interesse dos políticos, a cobertura da mídia e a verdadeira agenda da população em geral. Carestia, inflação, desilusão e angústia são mais a realidade das pessoas do que CPI, reformas eleitorais, gestão da Câmara e do Senado e conflito Bolsonaro *versus* Supremo. As buscas na internet sobre depressão e ansiedade estão nos maiores níveis desde o início dos anos 2000, principalmente em Estados mais pobres do Norte e do Nordeste. Na agenda da mídia e do governo, predominam temas políticos e polêmicas distantes das preocupações do povo em geral.

A SOCIEDADE MANTÉM sua rotina, inclusive em relação à pandemia, sem comprar a agenda de costumes e conflituosa do presidente, cuja forma de atuar provocou um golpe na sua popularidade, aumentando o desgaste político – e, talvez por isso, tenha elevado o tom em relação aos atos programados para 7 de setembro, a fim de manter a mobilização de aliados e conseguir arregimentar outros grupos conservadores específicos.

POR OUTRO LADO, o Supremo Tribunal Federal (STF) mantém o método “ação e reação” e não consegue ser o freio institucional, aos olhos da população, de potenciais medidas mais polêmicas do governo federal.

A POLÍTICA, ASSIM, continua importante, mas não parece se tornar útil para o que o Brasil precisa. Os escândalos envolvendo política e dinheiro público continuam existindo, e, em muitos Estados e cidades, deputados e vereadores têm salários maiores do que as pessoas mais ricas do local, com gabinetes faturando mais do que empresas. As leis eleitoral e partidária só cuidam de agravar os problemas da má representação política. Cresce a sensação da necessidade de alguém que apazigue ânimos e traga mais esperança.

NO ÂMBITO FEDERAL, tanto Lula quanto Bolsonaro perderam conexão com os desejos mais gerais do povo, e, mesmo polarizados entre si, as pesquisas revelam que a maioria dos brasileiros aguarda outro caminho, especialmente entre a população sem emprego ou com diminuição da renda.

ESTA É A RAZÃO de ainda se falar na possibilidade de surgir uma nova candidatura de centro – a chamada “terceira via” –, que foque em pacificação e mostre um cenário de mais construção e segurança em direção à vontade dos eleitores. Vários nomes estão em discussão, mas nenhum deles ainda se destacou a ponto de se viabilizar. As definições finais do perfil e do número de candidatos para 2022 somente começarão a aparecer quando terminar o prazo para a mudança da lei eleitoral, em outubro. Com regras definidas, aí, sim, o jogo começa para valer.



cenário econômico nacional

O AMBIENTE ECONÔMICO começa a se deteriorar, com inflação em alta, contração da política monetária e crise hídrica. Além disso, o nível de emprego continua baixo, com a renda real caindo, o que diminui o poder de reação da economia. Apesar do crescimento relevante do primeiro semestre se comparado ao mesmo período de 2020, o resultado é pouco significativo na comparação com o primeiro semestre de 2019. O consumo de energia vem subindo a uma taxa maior do que 5% na margem, o que deve causar problemas mais severos.

O RISCO FISCAL é cada vez mais significativo, com dúvidas sobre o valor do Auxílio Brasil e o parcelamento dos precatórios. As taxas de juros dos títulos do governo vêm aumentando consistentemente.

O PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB) do segundo trimestre se mostrou praticamente estável, com variação negativa de 0,1%. No semestre, o crescimento foi de 6,4%. Contribuíram, pelo lado da oferta: agricultura, com queda de 2,8%; indústria, com baixa de 0,2%; e serviços, com alta de 0,7%. Na agricultura, pesou negativamente a bienalidade do café, enquanto, na indústria, tiveram peso negativo a falta de componentes, a inflação e o preço da energia. Pelo lado positivo, o setor de serviços já sente o efeito da vacinação mais avançada.

PELO LADO DA DEMANDA, o consumo das famílias se manteve estável, com aumento nos gastos do governo (0,7%) e queda expressiva em Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF ou FBKF), com -3,6%. A queda de FBKF é preocupante, porque denota que há queima de estoques formados, em excesso, no primeiro trimestre. A variável engloba variações de estoques.

EM RELAÇÃO À INFLAÇÃO, devemos chegar ao fim de agosto com taxa do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 9,3% em 12 meses, com previsão próxima a 7,5% no fim do ano. A inflação no Brasil é explicada pelos fatores naturais da recuperação da pandemia: combustível, alimentos e desabastecimento de insumos (caminhões, autos e microprocessadores). Além destes elementos, há, no Brasil, algumas explicações específicas: desacertos do governo e inseguranças jurídica e política. As perspectivas de campanha eleitoral e a queda da popularidade do presidente reforçam estes riscos. A perspectiva é de IPCA próximo a 7,5% em 2021.

MESMO COM AMBIENTE econômico deteriorando, o programa de concessões continua em voga. A Rodovia Dutra, o Porto de Santos, os Correios e a Eletrobras serão as grandes locomotivas em 2021 e 2022. O que pode atrapalhar é o calendário das eleições. Por enquanto, o apetite dos investidores se mantém em alta, mas pode mudar com as inseguranças institucional e jurídica.



cenário internacional

POR DIFERENTES MOTIVOS, o governo chinês vem colecionando sérios conflitos com grandes empresas do setor privado, as quais têm em comum busca de capital estrangeiro, seja por investimento direto, seja por abertura de capital em Nova York. Primeiro, empresas financeiras, depois, grupos educacionais privados – e, agora, até empresas de games vêm sofrendo intervenção do governo, que se prepara para uma dependência cada vez menor do capital externo.

AS MEDIDAS fazem parte do plano do atual governo de Xi Jinping de tornar o país chinês uma grande potência mundial. Para isso, precisa se garantir no poder além de 2022. Assim, as medidas visam à melhora das condições da classe média e dos mais pobres, ao mesmo tempo que pretendem garantir a manutenção do custo de vida para que a população tenha mais filhos, diminuindo os custos da restrição demográfica.

O RESULTADO, em termos econômicos, será a diminuição da produtividade e no ritmo de crescimento – e, por consequência, a limitação no preço das commodities, o que deve impedir o tal “superciclo”. Por outro lado, a política monetária mais expansionista pode pôr em risco empresas muito endividadas.

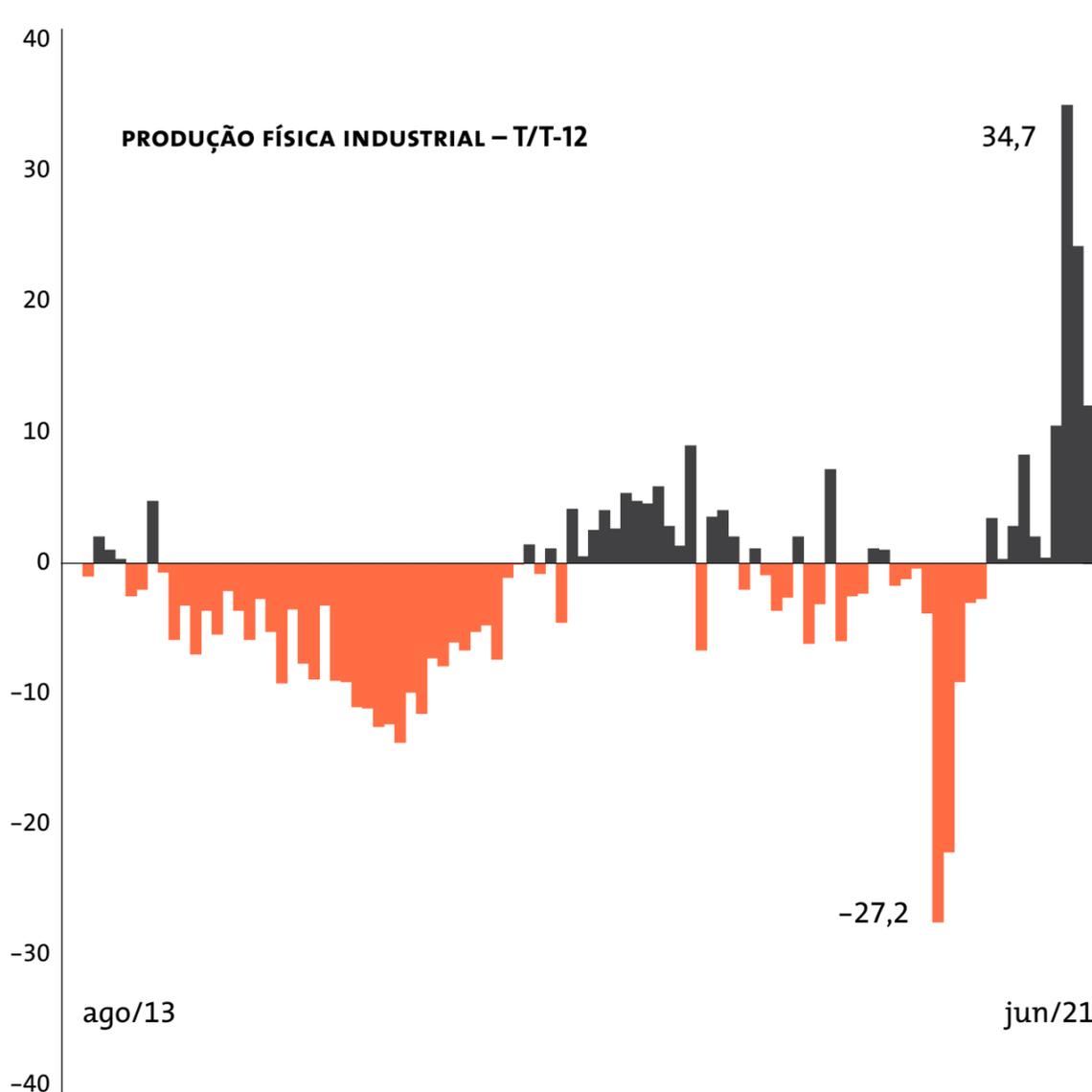
NOS ESTADOS UNIDOS, continuam as discussões sobre transitoriedade ou não da inflação. Alguns pontos deixam dúvidas sobre o vigor do crescimento da economia: variante delta (mais de mil óbitos por dia, em média), evidência de queda na imunidade de vacinas com o tempo e diminuição do crescimento chinês. Além disso, em setembro, há o fim dos incentivos ao mercado de trabalho e possível diminuição no ritmo de compra de ativos do Federal Reserve (Fed), o banco central norte-americano. Mesmo assim, por enquanto, a inflação não cede e continua próxima a 5,5% anual.

principais indicadores e projeções

INDÚSTRIA

CATEGORIAS DE USO	VARIÇÃO PORCENTUAL		
	JUN 21/JUN 20	ACUMULADO	
		NO ANO	12 MESES
Bens de capital	54,8	45,6	20,4
Bens intermediários	10,8	10,9	7,2
Bens de consumo	6,0	10,7	3,2
Duráveis	31,0	36,4	11,4
Semiduráveis e não duráveis	1,6	5,5	1,2
Indústria geral	12,0	12,9	6,6

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),



A recuperação da indústria, no Brasil, segue o desenho esperado: em relação aos primeiros meses da pandemia (mais especificamente, de abril a junho de 2020), as taxas de crescimento se mostraram elevadas. A partir de agora, tudo indica que os resultados ainda se manterão positivos, porém, em ritmo mais modesto. É muito difícil fazer projeções diante do quadro de incertezas enormes que se apresenta no ambiente político-econômico do Brasil, mas, de forma geral, 2021 será de recuperação. A média do ano deverá ser de crescimento de 6% a 7% para a produção industrial.



VARIAÇÃO PORCENTUAL SOBRE O MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR

PMS		ABR/21	MAI/21	JUN/21	AC. ANO	AC. 12 MESES
	Brasil	20,1	23,3	21,1	9,5	0,4
RESULTADOS	São Paulo	20,7	24,7	20,0	9,9	0,7

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

SERVIÇOS	AC. ANO	AC. 12 MESES
TOTAL	9,5%	0,4%
SERVIÇOS PRESTADOS ÀS FAMÍLIAS	2,9%	-21,0%
Serviços de alojamento e alimentação	4,1%	-21,4%
Outros serviços prestados às famílias	-3,1%	-18,9%
SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	8,4%	3,7%
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	8,7%	5,2%
Telecomunicações	0,2%	-1,4%
Serviços de Tecnologia da Informação (TI)	23,4%	16,6%
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	6,0%	-7,5%
SERVIÇOS PROFISSIONAIS, ADMINISTRATIVOS E COMPLEMENTARES	5,5%	-4,2%
Serviços técnico-profissionais	13,1%	3,6%
Serviços administrativos e complementares	2,7%	-7,1%
TRANSPORTES, SERVIÇOS AUXILIARES AOS TRANSPORTES E CORREIO	14,8%	3,1%
Transporte terrestre	15,1%	1,4%
Transporte aquaviário	11,7%	9,5%
Transporte aéreo	19,5%	-17,0%
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	14,4%	8,9%
OUTROS SERVIÇOS	9,5%	9,0%

SERVIÇOS	JUN/20	JUL/20	AGO/20	SET/20	OUT/20	NOV/20	DEZ/20	JAN/21	FEV/21	MAR/21	ABR/21	MAI/21	JUN/21	AC. ANO	AC. 12 MESES
TOTAL	-12,2%	-11,9%	-10,0%	-7,2%	-7,4%	-5,0%	-3,1%	-4,7%	-2,0%	4,5%	19,8%	23,0%	21,1%	9,5%	0,4%
1. SERVIÇOS PRESTADOS ÀS FAMÍLIAS	-57,5%	-54,9%	-43,9%	-36,4%	-30,2%	-26,1%	-25,3%	-27,6%	-28,1%	-17,1%	65,8%	76,8%	72,6%	2,9%	-21,0%
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	-60,1%	-57,2%	-45,4%	-38,4%	-30,7%	-25,8%	-25,6%	-27,6%	-28,8%	-17,3%	77,1%	87,6%	82,0%	4,1%	-21,4%
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-42,4%	-41,7%	-35,3%	-25,2%	-27,3%	-27,7%	-23,5%	-28,0%	-24,0%	-16,5%	27,4%	35,6%	34,5%	-3,1%	-18,9%
2. SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	-3,0%	-2,6%	-4,0%	-1,0%	0,0%	1,3%	1,8%	1,7%	2,7%	6,2%	12,8%	14,2%	13,6%	8,4%	3,7%
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	0,7%	0,8%	-1,1%	1,3%	3,4%	3,0%	3,3%	5,0%	4,9%	7,4%	11,7%	12,5%	10,8%	8,7%	5,2%
2.1.1 Telecomunicações	-4,2%	-3,7%	-3,0%	-2,8%	-2,7%	-3,2%	-2,3%	0,2%	-2,1%	-0,3%	0,9%	1,9%	0,7%	0,2%	-1,4%
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	9,7%	9,0%	2,3%	8,8%	14,7%	14,0%	11,0%	13,5%	17,8%	20,2%	31,2%	31,5%	26,7%	23,4%	16,6%
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	-30,5%	-26,0%	-24,3%	-17,7%	-21,4%	-9,5%	-7,7%	-21,4%	-14,4%	-3,1%	23,6%	31,9%	44,1%	6,0%	-7,5%
3. SERVIÇOS PROFISSIONAIS, ADMINISTRATIVOS E COMPLEMENTARES	-15,9%	-14,6%	-14,1%	-13,6%	-13,5%	-10,4%	-7,6%	-6,7%	-2,2%	0,7%	10,9%	15,9%	16,6%	5,5%	-4,2%
3.1 Serviços técnico-profissionais	-10,0%	-4,8%	-1,4%	-7,8%	-6,9%	-2,4%	-2,3%	3,0%	8,2%	6,4%	14,7%	25,9%	21,3%	13,1%	3,6%
3.2 Serviços administrativos e complementares	-17,9%	-17,9%	-18,5%	-15,7%	-16,0%	-13,6%	-9,9%	-9,9%	-5,7%	-1,4%	9,5%	12,2%	14,7%	2,7%	-7,1%
4. TRANSPORTES, SERVIÇOS AUXILIARES AOS TRANSPORTES E CORREIO	-11,3%	-11,3%	-8,4%	-6,3%	-8,2%	-4,7%	-2,0%	-4,0%	-0,5%	8,8%	30,7%	32,5%	28,0%	14,8%	3,1%
4.1 Transporte terrestre	-17,3%	-15,5%	-12,6%	-8,2%	-10,7%	-7,5%	-3,5%	-6,7%	-2,8%	11,1%	37,1%	32,6%	29,6%	15,1%	1,4%
4.2 Transporte aquaviário	9,1%	6,7%	2,6%	10,9%	9,0%	4,8%	10,4%	7,9%	1,7%	7,5%	17,1%	14,4%	15,9%	11,7%	9,5%
4.3 Transporte aéreo	-59,0%	-51,4%	-39,5%	-35,5%	-37,4%	-31,9%	-34,6%	-23,5%	-30,3%	-26,7%	136,9%	217,1%	162,2%	19,5%	-17,0%
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	7,5%	2,8%	4,2%	1,5%	0,3%	5,5%	6,6%	3,7%	11,1%	13,6%	20,2%	23,1%	14,4%	14,4%	8,9%
5. OUTROS SERVIÇOS	4,1%	4,1%	7,1%	13,2%	8,7%	7,3%	9,6%	-2,2%	1,2%	7,3%	16,8%	20,6%	15,6%	9,5%	9,0%

TURISMO	JUN/20	JUL/20	AGO/20	SET/20	OUT/20	NOV/20	DEZ/20	JAN/21	FEV/21	MAR/21	ABR/21	MAI/21	JUN/21	AC. ANO	AC. 12 MESES
Brasil	-58,6%	-56,1%	-56,2%	-44,7%	-33,6%	-29,5%	-29,8%	-29,1%	-31,1%	-19,1%	73,4%	102,2%	92,7%	4,6%	-22,2%
São Paulo	-59,5%	-57,0%	-57,0%	-47,2%	-40,9%	-35,2%	-37,1%	-37,7%	-39,3%	-27,7%	53,8%	84,8%	69,9%	-5,8%	-29,4%
Paraná	-55,5%	-54,8%	-54,7%	-39,2%	-28,6%	-27,0%	-24,5%	-28,7%	-30,4%	-24,3%	90,9%	71,6%	67,1%	1,0%	-20,6%
Santa Catarina	-47,7%	-49,4%	-49,5%	-40,4%	-21,9%	-27,7%	-29,8%	-25,8%	-23,3%	-16,5%	65,5%	68,3%	58,1%	2,5%	-18,1%
Rio Grande do Sul	-64,8%	-63,4%	-63,6%	-55,1%	-35,8%	-37,7%	-37,3%	-29,7%	-28,2%	-33,2%	115,3%	143,5%	139,9%	11,2%	-25,6%
Goias	-61,6%	-59,7%	-59,7%	-40,3%	-19,5%	-11,0%	-8,5%	-18,6%	-14,3%	-1,1%	133,3%	154,1%	134,7%	28,1%	-7,8%
Distrito Federal	-68,6%	-63,4%	-63,5%	-52,8%	-36,3%	-41,9%	-30,9%	-22,2%	-29,6%	-26,4%	70,4%	164,8%	168,7%	16,1%	-23,8%

Amplie para visualizar a tabela completa

O setor de serviços foi o primeiro a ser atingido pelos efeitos da pandemia e será o último a se recuperar. Infelizmente, muitos negócios ficaram pelo meio do caminho, como empresas de eventos, de transporte e de turismo, além de bares e restaurantes, que não resistiram ao peso da crise. O setor aponta alta de 0,4% no acumulado de 12 meses (a menor resposta dentre os grandes grupos de atividades) e tende a melhorar até dezembro. Certamente, o desempenho do PIB neste ano está muito dependente do tamanho e da velocidade da retomada do segmento, que representa 70% da economia. Pesa contra a retomada mais imediata uma nova cepa de vírus (a delta), a qual ainda pode fazer com que as famílias posterguem decisões referentes a turismo, eventos e lazer. Todavia, a expectativa para o fechamento do ano é de crescimento de 7% a 8% em relação ao ano passado.



VAREJO

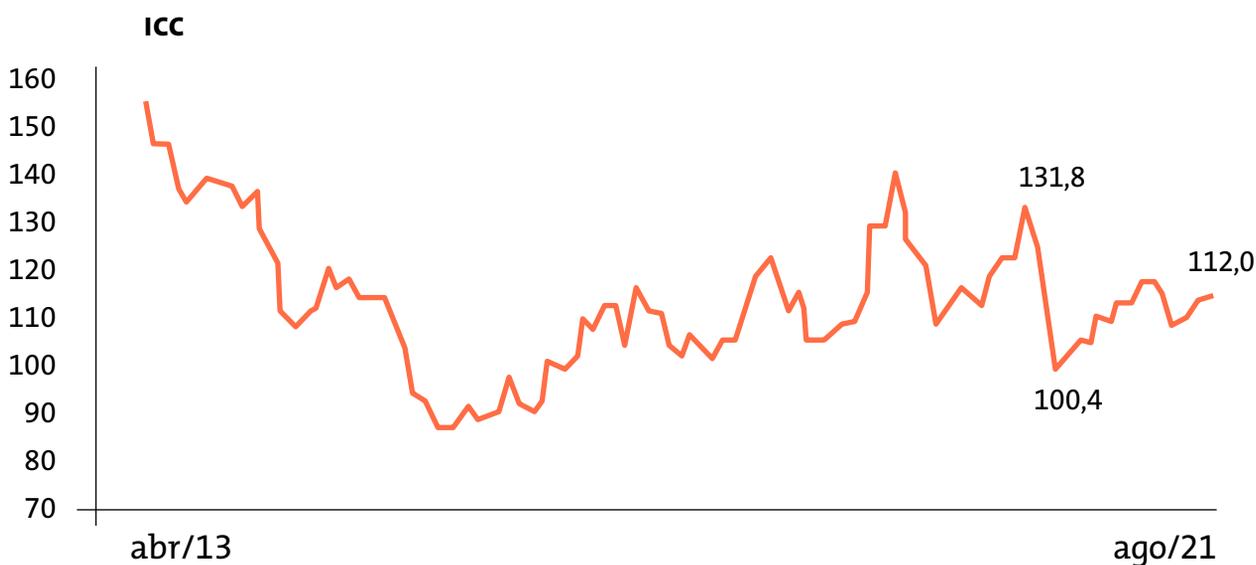
PMC		VARIÇÃO PORCENTUAL SOBRE O MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR			AC. ANO	AC. 12 MESES
		MAI/21	JUN/21	JUL/21		
PMC NORMAL	Brasil	23,7	15,9	6,3	6,7	5,9
	São Paulo	22,7	19,1	7,7	7,5	5,6
PMC AMPLIADO	Brasil	40,9	26,3	11,5	12,3	7,9
	São Paulo	38,6	29,9	9,9	10,4	6,0

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O varejo, como outros setores, acelerou o crescimento em maio (justamente em razão da comparação com 2020). Em junho e julho, começou a mostrar desempenhos ainda positivos, porém, em magnitude menor (efeito da base de comparação, assim como indústria e serviços). O varejo ampliado deve crescer de forma robusta neste ano, ao redor de 8% em relação a 2020. De forma geral, indústria e comércio devem recuperar todas as perdas de 2021 até dezembro, ainda que muitos empregos e empresas tenham sucumbido ao longo do período. Também é importante destacar que os números da recuperação, no varejo, a partir do segundo semestre, serão menos reluzentes diante da base de comparação, que ficou menos deprimida a partir da segunda metade de 2020.



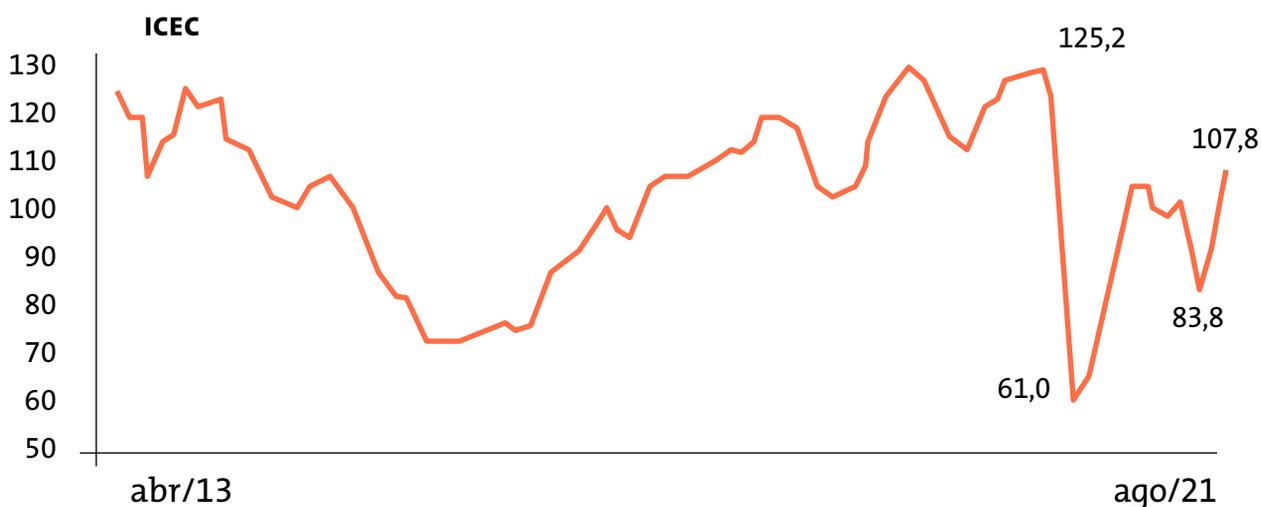
CONFIANÇA DO CONSUMIDOR (ICC) DA FECOMERCIO-SP



A confiança do consumidor também dá sinais de recuperação, o que era de se esperar diante da retomada não só da atividade econômica, mas também do ritmo quase normal de vida das pessoas, por meio do avanço da vacinação e dos recuos da contaminação e das mortes no País. Como previsto na edição anterior deste boletim, o Índice de Confiança do Empresário do Comércio (ICC), de fato, subiu em agosto. Infelizmente, há indícios de que o indicador possa ter ligeira queda em setembro, diante de um cenário um pouco pior do que se projetava para a recuperação econômica.



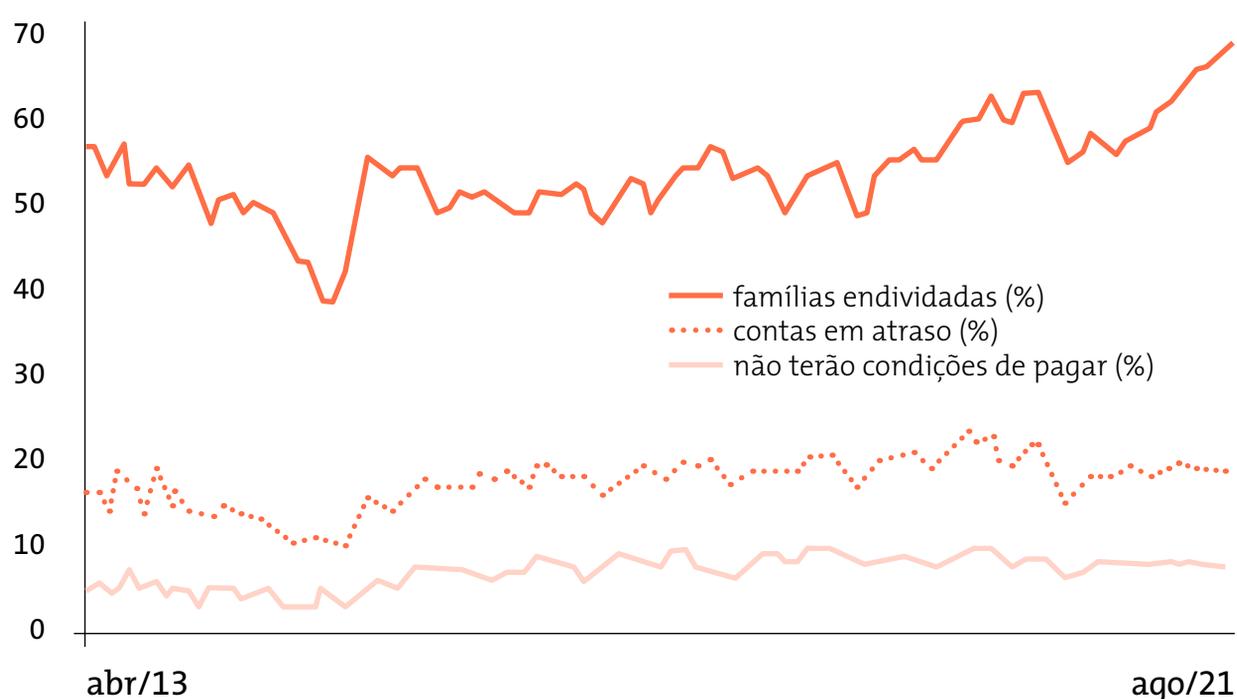
CONFIANÇA DO EMPRESÁRIO (ICEC) DA FECOMERCIO-SP



No caso da confiança dos empresários do comércio, medida pelo ICEC, também da **FecomercioSP**, a história de longo prazo costuma ser semelhante, por motivos óbvios: consumidor confiante tende a elevar o otimismo dos empresários do setor. Da mesma forma que o ICC, as projeções para agosto foram acertadas com mais uma expansão, porém, para setembro, espera-se leve correção para baixo diante do cenário.



ENDIVIDAMENTO – SP



De forma geral, desde 2018, o endividamento estava subindo, com o movimento se intensificando no ano passado, em virtude da redução dos juros. Houve, recentemente, uma aceleração do crescimento das dívidas, e, por isso, redução da incapacidade de quitação dos débitos (há muitas pessoas conseguindo financiamento para novas compras e para pagamento de antigas dívidas). Com o desemprego gradativamente caindo, o risco de inadimplência se reduz. Todavia, a ameaça inflacionária não é irrelevante: o aumento contínuo e generalizado dos preços pode corroer o poder de compra e o orçamento familiar, ao mesmo tempo que cria incertezas que podem tornar o mercado financeiro mais conservador na concessão de novos empréstimos.



PROJEÇÕES

VARIÁVEL	2020	2021		
		OTIMISTA	PROVÁVEL	PESSIMISTA
IPCA	4,4%	7,5%	8,0%	8,5%
Selic – fim de período	2,00%	7,00%	7,50%	8,00%
Taxa de câmbio – fim de período	R\$ 5,20	R\$ 5,00	R\$ 5,30	R\$ 6,00
Balança comercial	US\$ 51 bi	US\$ 65 bi	US\$ 60 bi	US\$ 55 bi
Conta corrente	–US\$ 5 bi	US\$ 10 bi	US\$ 0 bi	–US\$ 15 bi
Produção industrial (% crescimento)	–4,5%	7,5%	6,5%	5,0%
Varejo Brasil (% crescimento)	–1,5%	9,0%	8,0%	7,0%
Varejo São Paulo PCCV (% crescimento)	–3,2%	10,0%	9,0%	8,0%
Massa de rendimentos – SP	–5,0%	3,0%	2,0%	1,0%
Massa de rendimentos – BR	–4,0%	3,0%	2,0%	1,0%
Volume de crédito – PF	–5,0%	10,0%	7,0%	5,0%
Déficit Fiscal Primário (% do PIB)	11,0%	1,3%	1,5%	1,9%
Dívida Pública Federal Bruta (% do PIB)	89,0%	80,0%	82,0%	85,0%
PIB (% crescimento)	–4,1%	5,5%	4,5%	3,5%

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Tesouro Nacional, Banco Central do Brasil (BCB) e **FecomercioSP**.

Cálculos: *Scopus Consultoria*.

Acima, algumas projeções com base nos dados setoriais e financeiros disponíveis no momento da confecção deste boletim.



conclusão

Os prognósticos para a economia, em 2021, conforme se imaginava no começo do ano, estão com enorme volatilidade. A **FecomercioSP**, que já desenhava projeções mais conservadoras quanto a PIB, inflação e juros desde janeiro, ainda assim precisou revisar os números. Os dados do PIB do segundo trimestre foram piores do que o mercado previa (dentro das projeções da Entidade), ao passo que a inflação tem superado as expectativas (as previsões da **FecomercioSP** já eram maiores que as do mercado). Com isso, as perspectivas para os juros também tiveram de ser revistas para cima.

Vale ressaltar que há muitos fatores que não podem ser adequadamente ponderados nas projeções, em especial em relação ao ambiente internacional e, mais ainda, ao ambiente político brasileiro. O cenário de muita incerteza dificulta as possibilidades, que se tornam mais frágeis e com grau menor de precisão. Resta, então, para além das hipóteses, alguns olhares sobre o que já pode ser aferido: a seguir, uma tabela com as comparações dos resultados dos primeiros semestres de 2019, 2020 e 2021, sob a ótica do volume de vendas e produção e do faturamento real (nominal, descontada a inflação média do IPCA). Dados da indústria, apenas em volume produzido.

1º SEMESTRE DE 2021 COMPARADO

VOLUME	VAREJO AMPLIADO	SERVIÇOS	TURISMO	INDÚSTRIA
VAR. 20/19	-7,7%	-8,4%	-34,6%	-10,9%
VAR. 21/20	12,3%	9,5%	4,6%	12,9%
VAR. 21/19	3,6%	0,3%	-31,6%	0,7%

VAR. REAL	VAREJO AMPLIADO	SERVIÇOS	TURISMO	INDÚSTRIA
VAR. 20/19	-19,7%	-19,6%	-21,8%	-10,9%
VAR. 21/20	34,8%	16,5%	-23,1%	12,9%
VAR. 21/19	8,3%	-6,3%	-39,9%	0,7%

Os números mostram diversas comparações, das quais a mais relevante é em relação ao primeiro semestre de 2019, período com resultado não contaminado pela pandemia. O volume dá a informação do desempenho de cada grupo setorial de acordo com a inflação de cada um destes segmentos. O faturamento real indica, com mais rigor, a movimentação financeira. Na comparação com o período pré-pandemia, de forma geral, no primeiro semestre de 2021, houve crescimento no varejo, estabilidade na indústria e queda nos serviços, em especial no turismo. O segundo semestre pode ter uma mudança relevante, com recuperação mais vigorosa nos serviços e um arrefecimento no varejo. Todavia, desemprego, inflação e incertezas devem fazer com que o desempenho seja menor do que o planejado anteriormente.

PRESIDENTE

Abram Szajman

SUPERINTENDENTE

Antonio Carlos Borges

FECOMERCIOSP 

Rua Dr. Plínio Barreto, 285
Bela Vista • São Paulo

11 3254-1700 • fax

11 3254-1650

ri@fecomercio.com.br

www.fecomercio.com.br

PRODUÇÃO  **TUTU**

SETEMBRO 2021

Esta publicação é uma produção do Conselho de Economia Empresarial e Política (CEEP) da **FecomercioSP**, presidido por Antonio Lanzana e Paulo Delgado.